

Artigo Original

Racismo no Futebol Sul-Americano: o caso Grafite versus Desábato

Everton Albuquerque Cavalcanti ^{1 3}
André Mendes Capraro ^{2 3}

¹ *Universidade Positivo, Campo Comprido, Curitiba, PR, Brasil*

² *Departamento de Educação Física da UFPR, Curitiba, PR, Brasil*

³ *Núcleo Futebol e Sociedade da UFPR, Curitiba, PR, Brasil*

Resumo: O presente estudo analisa detalhadamente, a partir do posicionamento da imprensa escrita brasileira, o caso de racismo ocorrido na partida entre São Paulo e Quilmes pela Copa Toyota Libertadores da América em 2005. Tais periódicos também ouviram as opiniões de pessoas diretamente envolvidas com o caso e outros dois especialistas: um sociólogo argentino e um historiador brasileiro, na tentativa de mostrar o caráter multifacetado do preconceito racial. Concluiu-se que o racismo e a discriminação estão inseridos no esporte e, dependendo da exposição midiática, podem causar ora mais, ora menos, repercussão.

Palavras-chave: Futebol; Preconceito; Racismo.

Racism in South American Soccer: Grafite Versus Desábato Case

Abstract: This article analyses closely a case of racism taken place in a soccer game between São Paulo and Quilmes for the 2005 Toyota Libertadores da América Cup, using Brazilian written press as source of information. Several opinions from people directly linked to this case and also from two specialists (an Argentine sociologist and a Brazilian historian) were heard in the attempt to show various aspects of racial prejudice. The conclusion is that racism and discrimination are inserted in the sport and their repercussion depends a lot on how much the media exposes the subject.

Key Words: Soccer; Prejudice; Racism.

Introdução

Um problema velado, porém sempre presente na prática do futebol brasileiro, é o racismo. Geralmente pensadores das Ciências Sociais tentam compreendê-lo de modo estrutural, como um modelo único que se reproduz. Sendo assim, acabam ignorando suas singularidades. Objetiva-se, assim, interpretar como o racismo ([SANSONE](#), 1996, p. 99) é compreendido pela imprensa brasileira a partir de um caso específico ocorrido em uma partida de futebol.

O presente estudo justifica-se pelo aumento significativo de casos relacionados à discriminação racial no esporte competitivo; e que, tais casos, mesmo com a polêmica cobertura da mídia, ainda são tratados de forma casual e desconexa. Assim, se for ampliada a escala de análise ([Ginzburg](#), 1996), será possível compreender um pouco melhor como se processa o racismo no esporte, especificamente no futebol sul-americano, com ênfase na compreensão da imprensa escrita. Partindo da hipótese de que a discriminação racial é multifacetada, pois está presente em vários

setores do campo esportivo ([Bourdieu](#), 2004) – na mídia, entre os companheiros de profissão (sobretudo os adversários) e principalmente nos torcedores das equipes rivais, mas não raramente na própria torcida.

Acredita-se que o caso analisado é um desses multifacetados. Assim descrever-se-á por meio de fontes e depoimentos, um fato ocorrido no mês de abril de 2005, na partida entre as equipes do São Paulo do Brasil e do Quilmes da Argentina, realizada pela Copa Toyota Libertadores da América, a partir da ótica de dois periódicos de reconhecimento nacional: “O Estado de São Paulo” e a “Folha de São Paulo”. Neste jogo, o zagueiro argentino Leandro Desábato, do Quilmes, supostamente teria agredido verbalmente e moralmente o brasileiro Edinaldo Batista Libânio mais conhecido como “Grafite”, atacante do São Paulo.

A narrativa do caso

Quarta-feira, 13 de abril de 2005. O estádio do Morumbi seria a sede para o jogo entre o São Paulo Futebol versus Quilmes pela Copa Toyota

Libertadores da América. O jogo transcorria normalmente quando, ao final do primeiro tempo, o argentino Leandro Desábato supostamente teria xingado o brasileiro Grafite de... “Negro de merda, filho da puta, negrinho” ([TINOCO](#), Estado de São Paulo, 15/04/2005, p. E2; [ASSIS](#), Folha de São Paulo, 15/04/2005, p. D1). Depois do xingamento, Grafite revidou com um tapa no rosto de Desábato e foi expulso da partida.

Segundo Norbert Elias e Eric Dunning, a competição de certa forma conduz ao surgimento da violência. Em alguns esportes, entre estes, o futebol, a violência é percebida em confrontos simulados que geram uma espécie de violência socialmente aceitável. Devido à tensão do jogo, essa violência pode provocar o desequilíbrio entre rivalidade amigável e rivalidade hostil, pendendo para a última, fazendo com que as regras de limitação da violência de padrão socialmente aceito sejam quebradas, surgindo assim à luta descontrolada, como no confronto Grafite/Desábato ([ELIAS; DUNNING](#), 1997, p. 331).

[Cagigal](#) (1990) reforça a afirmativa de Elias e Dunning, ao concluir que – apesar de existir duas vertentes a respeito da origem da violência, uma biológica e outra social – os atos violentos são produzidos tanto pelo contexto social no qual o indivíduo está inserido quanto por suas características de personalidade. Também coadunada ao fato do caso ser centrado na provocação dos dois atletas, o brasileiro e o argentino.

A narrativa dos periódicos prossegue da seguinte forma: Grafite, após ser expulso, deixou o campo de jogo desolado, se sentia humilhado e envergonhado. Com o apoio da diretoria do seu clube, Grafite solicitou então que o advogado do São Paulo fizesse um boletim de ocorrência contra o jogador Desábato. Nesse sentido, o discurso da imprensa ([Orlandi](#), 1999) pode ser considerado o do tipo polêmico, pois acentua aspectos contraditórios, ao mesmo tempo em que se posiciona nitidamente de forma tendenciosa, no caso, a favor do atleta brasileiro que é estereotipado como uma espécie de vítima sem reação.

Ainda de acordo com a imprensa, na sequência, o secretário estadual de segurança pública, Saulo Abreu, e o delegado geral da polícia civil, Marco Antonio Desgualdo, que

assistiam ao jogo pela televisão, depois de reverem por diversas vezes as imagens da suposta ofensa do argentino contra o brasileiro, conversaram por telefone e entraram em contato com o delegado Oswaldo Nico Gonçalves, supervisor do GARRA (Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos) que assistia ao jogo do camarote da FPP (Federação Paulista de Futebol) e o ordenaram que fizesse o flagrante.

Logo após, o delegado Gonçalves foi ao vestiário do São Paulo. O jogador Grafite estava acompanhado do advogado José Alves. O delegado prontamente realizou o boletim de ocorrência. O argentino recebeu ordem de prisão do delegado logo após o término da partida e, ainda dentro de campo, saiu algemado do estádio do Morumbi.

Situações de preconceito racial ocorrem há décadas no futebol ([RODRIGUES FILHO](#), 2003). Mesmo na época da expansão portuguesa, a diferença entre raça era estabelecida de forma a idealizar o branco como sendo um ser superior ao negro ([FREYRE](#), 2004). Porém, nos primeiros anos do novo milênio os casos de racismo gradativamente passaram a ser controlados, tendo em vista o alcance da mídia (mesmo com o seu uso sensacionalista) e o controle das atitudes dos atletas em seus respectivos esportes.

Sendo assim, o argentino foi enquadrado no artigo 140, parágrafo 3º, do Código Penal Brasileiro, que prevê de um a três anos de reclusão por injúria qualificada (ofensa à dignidade com elementos de raça, cor, etnia, religião, origem ou condição de pessoa idosa ou deficiente). Os dois protagonistas da noite, Grafite e Desábato, deixaram o estádio por uma saída alternativa e foram ao 34º distrito policial (DP). Os depoimentos ao delegado Dejar Gomes Neto se prolongaram até o início da manhã.

Na quinta feira, dia 14 de abril, o argentino acabou realmente sendo detido e foi transferido do 34º DP. Novamente saiu algemado para a carceragem do 13º DP, localizado no bairro da Casa Verde. Segundo o jornal Folha de São Paulo, o argentino Desábato pediu para telefonar para sua família, mas o delegado do local Ítalo Miranda Júnior não permitiu. No entanto, o argentino recebeu a visita dos advogados, assim como os familiares teriam o aval para visitá-lo se estivessem no Brasil. Desábato, apesar de não ter curso superior, ficou sozinho em uma cela

especial para não sofrer agressões de outros presos por conta do que estava sendo acusado.

Depois de ficar quase 37 horas detido, o hábeas corpus foi impetrado pela defesa e o juiz Marcos Alexandre Zili do DIPO (Departamento de Inquéritos Policiais), estipulou a fiança em dez mil reais. Após o pagamento, Zili concedeu o alvará de soltura para Desábato, que antes já havia passado por exame de corpo e delito, realizado pelo IML (Instituto Médico Legal) no 13º DP da Casa Verde. O jogador argentino seguiu direto para o fórum da Barra Funda, onde assinou um termo de compromisso assumindo a responsabilidade de voltar ao Brasil quando convocado para as audiências. Logo após, o argentino retornou ao hotel onde a delegação do Quilmes estava hospedada e junto com seus companheiros e dirigentes de clube, que permaneceram no Brasil, embarcou às 19h05 em vôo para Buenos Aires ([TOMAZ](#), Folha de São Paulo, 16/04/2005, p. D1).

Mesmo que aparentemente o caso tenha sido resolvido, com as etapas jurídicas preliminares já iniciadas, a imprensa brasileira não deixou de destacá-lo nos dias seguintes, provavelmente porque o “discurso polêmico” ([Orlandi](#), 1999) acentua a comercialização dos jornais: Desábato chegou a Buenos Aires na noite de sexta feira. No sábado pela manhã foi para sua província natal localizada em Santa Fé, no norte da Argentina para se encontrar com a família. O jogador recebeu uma semana de folga do clube argentino para se recuperar do estresse vivido no Brasil. ([FERRARI](#), Folha de São Paulo, 17/04/2005, p. D4).

A concepção dos Brasileiros

A partida entre São Paulo e Quilmes da Argentina acentuou o sentimento de nacionalismo, logicamente reforçado pela atuação da imprensa. A maioria dos brasileiros defendeu o jogador brasileiro. Entre muitos que opinaram sobre o caso, estava o conceituado jornalista da ESPN Brasil e colunista do jornal O Estado de São Paulo, Antero Greco. Este considerou a atitude de Grafite de prestar queixa correta: “O zagueiro Desábato pisou feio na bola, com sua atitude mal educada, preconceituosa e tosca” ([GRECO](#), O Estado de São Paulo, 15/04/2005, p. E2). Antero Greco foi além, e comentou a “onda” de atitudes racistas no futebol por parte de torcedores e jogadores.

Não passa semana sem que um jogador negro se queixe de agressões de cunho racista, vinda de adversários ou das arquibancadas. Imitar macacos, atirar bananas no gramado, riscar automóveis são atos que mancham a tradição europeia de vanguarda, de democracia. Jornais e tevês se fartam com notícias de incidentes desse tipo na Itália, na Espanha, na Alemanha, em Portugal, para ficar em nações que tem alta concentração de imigrantes, e não necessariamente afros ou descendentes ([GRECO](#), O Estado de São Paulo, 15/04/2005, p. E2).

A opinião do jornalista Antero Greco, foi apenas uma dentre várias sobre o caso, porém seu reconhecimento social amplo, ou seja, seu elevado “capital simbólico” no campo esportivo ([Bourdieu](#), 2004) assegurava a captação das suas idéias por vários leitores. Além disso, destaca-se o conhecimento acentuado de causa por parte de Greco, já que sua interpretação transcendeu o caso recém ocorrido para pensar de forma mais ampla na relação entre racismo/esporte.

Também foram inúmeras as mensagens recebidas pela assessoria de imprensa do São Paulo em manifestação de apoio ao atacante Grafite, conseqüentemente, repudiando a atitude de Desábato ([O Estado de São Paulo](#), 15/04/2005, p. E2). Até alguns governantes do país falaram sobre o assunto, entre eles o governador do estado de São Paulo na época, Geraldo Alckimin, que condenou a atitude do jogador argentino – “O racismo é um crime abominável, é um preconceito totalmente inaceitável e no Brasil é um crime inafiançável” ([ARANTES](#), O Estado de São Paulo, 15/04/2005, p. E2). Nesse sentido, os políticos e autoridades haviam comprado rapidamente o discurso de impacto da imprensa, mesmo sem uma definição jurídica do caso.

Também o ministro do esporte, Agnelo Queiroz, e a secretária de políticas de promoção da igualdade racial da presidência da república, ministro Matilde Ribeiro, divulgaram nota condenando o comportamento do jogador argentino.

A nota diz que o governo “acionará as esferas da administração esportiva nacional e internacional para que adotem medidas concretas para banir do espetáculo esportivo a discriminação racial, o preconceito e a xenofobia, que se não eliminados representam ameaça a democracia” ([HACICO](#), O Estado de São Paulo, 15/04/2005, p. D3).

O presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, afirmou que o

Brasil deu exemplo ao resto do mundo ao punir o zagueiro argentino Leandro Desábato – “No esporte, só há lugar para o entendimento e a confraternização entre as pessoas. As diferenças ficam por conta apenas dos confrontos nos gramados” ([HACICO](#), O Estado de São Paulo, 15/04/2005, p. D2). O episódio, inclusive, atraiu diversas pessoas para frente das delegacias nas quais o argentino ficou detido: manifestações a favor e principalmente contra foram realizadas. Uma das iniciativas mais ousadas foi do aposentado Israel Laércio Ardre que tentou roubar o alvará de soltura das mãos do oficial de justiça, com intuito de rasgá-lo. “O que ele fez não se faz. Eu sinto racismo na pele” ([ORICCHIO E LEITE](#), O Estado de São Paulo, 16/04/2005, p. E2).

O que se percebe nitidamente é que as opiniões dos brasileiros que foram relatadas neste tópico repudiam a atitude de Leandro Desábato, porém, o discurso politicamente correto esconde a realidade vivenciada no cotidiano da sociedade brasileira. Acerca dessa discussão é argumentado que:

O racismo é um problema mundial, mas geralmente no Brasil é tratado como se existisse apenas fora do país. Na verdade esse faz-de-conta parece bastante cômodo. O duro é admitir que o racismo também está presente entre nós, brasileiros, e que o negro é uma das vítimas prediletas. E não são poucos aqueles que, neste país, negam a existência do racismo. Negativa que, ao servir de camuflagem, reproduz uma situação de fato ([VALENTE](#), 1994, p. 07).

A repercussão na Argentina

Não é de estranhar que, no sentido de polemizar ainda mais, a imprensa local fosse atrás do posicionamento dos periódicos do país vizinho. Na Argentina a população ficou dividida com a punição a Leandro Desábato. Segundo o jornal Folha de São Paulo, um dos principais jornais da Argentina o *La Nación* fez uma enquete em seu site em que o jogador argentino foi repudiado pela maioria, que acreditava que Desábato tinha cometido uma atitude de cunho racista. Outro jornal argentino, o *Clarín*, perguntou aos leitores se as expressões racistas no futebol são “folclores” ou se realmente podem ser consideradas um problema. Desta vez, a maioria declarou ser “folclore” as atitudes racistas no futebol. Já no site oficial do Quilmes, os torcedores enviaram mensagens de apoio ao jogador Desábato, reforçando ainda mais o racismo contra o jogador Grafite.

Já os próprios meios de comunicação do país platino e as pessoas envolvidas, acreditavam que o jogador foi vítima de exagero e de que o caso não passava de marketing da imprensa brasileira. “Eles querem liderar essa onda antidiscriminatória no esporte. Somos vítimas de exagero” declarou o dirigente do Quilmes José Luiz Meiszner ([ARANTES](#), Folha de São Paulo, 15/04/2005, p. D3). Para o presidente do Quilmes e da Associação de Futebol Argentina (AFA), respectivamente Daniel Razzeto e Julio Grondona, a detenção já tinha certa intencionalidade: “Culparam alguém que não tem absolutamente nada a ver com isso. Esse menino, Desábato, eu o conheço, é um homem do interior” ([ARANTES](#), Folha de São Paulo, 15/04/2005, p. D3).

A maioria dos jornalistas argentinos tratou o fato como um insulto normal em jogos de futebol, e o teor racista nas partidas é parte do comportamento argentino. Argumento esse, centrado na típica lógica do esporte-espetáculo, na qual a provocação seja no âmbito racial, sexual ou familiar, não passa de uma tentativa (sempre impessoal) de provocar o adversário visando à redução no seu rendimento.

Assim, o principal erro do argentino, segundo a imprensa local, foi o de desconhecer as diferenças culturais e de legislação acerca do racismo, que no Brasil eram mais severas. A atenção dada ao caso pela imprensa brasileira também foi alvo de críticas por parte dos argentinos. “Isto aqui está uma confusão. A imprensa do Brasil está sendo sensacionalista. Há dezenas de câmeras e até um helicóptero aqui (na delegacia)” disse o jornalista Gérman Belize ([ARANTES](#), Folha de São Paulo, 15/04/2005, p. D3).

Apesar de toda situação vivida no Brasil, o argentino Desábato sempre esteve amparado por integrantes da delegação do Quilmes que estavam no Brasil. “A única coisa que falta é que Desábato seja fuzilado em praça pública (...)” ([PALÁCIOS E TINOCO](#), O Estado de São Paulo, 16/04/2005, p. E2) - essa declaração do vice-presidente do clube argentino, Meiszner, mostra a preocupação dos dirigentes do Quilmes em relação ao ambiente que estavam vivenciando no Brasil. O dirigente foi além e declarou que as acusações a Leandro Desábato “(...) uma farsa, um verdadeiro circo (...)” ([PALÁCIOS E TINOCO](#), O Estado de São Paulo, 16/04/2005, p. E2) e que

por trás de todo esse caso “(...) há muitos interesses políticos brasileiros que queriam colocar atrás das grades um jogador branco” (PALÁCIOS E TINOCO, O Estado de São Paulo, 16/04/2005, p. E2).

Outro a defender veementemente o jogador argentino, foi o técnico da equipe do Quilmes, Gustavo Alfaro, que acreditava que Leandro Desábato foi “(...) tratado como delinqüente, levado algemado. ‘São danos (psicológicos) que não poderão ser superados’. O Leandro é uma pessoa íntegra, de valores éticos muito profundos” (PALÁCIOS E TINOCO, O Estado de São Paulo, 16/04/2005, p. E2).

Apesar de muitos dirigentes, meios de comunicação e argentinos em geral defenderem Leandro Desábato, Enrique Oteiza, presidente do INADI (Instituto Nacional Contra Discriminação) afirma a imprensa brasileira que as pessoas negras constituem “(...) uma coletividade muito discriminada na Argentina” (PALÁCIOS E TINOCO, O Estado de São Paulo; 16/04/2005; p. E3). Já o renomado jornalista argentino Chiche Gelbung considera correta a punição ao jogador e afirma que por mais nervoso que o jogador esteja não pode sair ofendendo um companheiro de profissão. Já o renomado escritor argentino Martín Caparrós afirmou que há racismo na sociedade argentina, mas que também há muito racismo no Brasil. Ele concluiu dizendo que “(...) é preciso atacar a causa e não o efeito de qualquer tipo de manifestação racista” (PALÁCIOS E TINOCO, O Estado de São Paulo, 16/04/2005, p. E3).

O que disse Grafite (Edinaldo Batista Libânio)

O jogador Grafite começou seu depoimento esclarecendo seu apelido. Alegou que se tratava de um apelido de família, ou seja, não tinha o ensejo de esteriotipá-lo racialmente. Acerca de tal fato, argumenta-se que no âmbito social da vida de um indivíduo, estão associados alguns termos de cor, seja na relação familiar, com os amigos (negão), no namoro (neguinho e neguinha), na cultura musical (cultura negra) ou mesmo em um conflito (“coisa de preto”) (SANSONE, 1996, p. 211).

Diante das palavras do jogador argentino, Grafite afirmou se sentir humilhado e o que pesou na hora de registrar a ocorrência, foi que tais atitudes racistas já tinham ocorrido diante do

mesmo Quilmes em partida realizada na Argentina. Segundo o jogador brasileiro, a atitude do argentino ofende não só a ele, mas a toda a raça negra, e por isso o brasileiro manifestou o desejo de ver Leandro Desábato processado criminalmente.

Depois de prestar queixa contra o argentino e suportar quase 4 horas de depoimentos, o atacante Grafite comentou o episódio...

Fiz o que devia ter sido feito. Procurei meus direitos de cidadão. Ele (Desábato) me chamou de negro de merda e negrito, e não tinha nada a ver com o lance. Se acontecer novamente um fato semelhante contra times brasileiros, paciência. Vou procurar os meus direitos. (...) Não posso voltar atrás no que eu fiz. Isso tem que ter um basta. Vários jogadores brasileiros sofrem preconceito lá fora. Sei que ele (Desábato) está passando um momento difícil, deve ter família, mas precisa pensar bem na atitude que tomou. Aceito o pedido de desculpas, mas o que está feito, eu não vou mudar (GODOY, Folha de São Paulo, 15/04/2005, p. D2).

Além da negativa ao pedido de desculpas do argentino, o atacante brasileiro se mostrou disposto a ajudar as autoridades no que fosse preciso na luta contra o racismo e a discriminação. “Podemos sentar e conversar. O que eu puder fazer para ajudar, eu farei” (GODOY, O Estado de São Paulo, 15/04/2005, p. D2).

O que disse Leandro Desábato

O argentino Leandro Desábato começou seu depoimento com a seguinte afirmação: “Tenho por Grafite uma grande admiração” (GODOY, O Estado de São Paulo, 15/04/2005, p. E3), para provar tal afirmativa, o argentino comentou que no jogo entre Quilmes e São Paulo na Argentina, os dois trocaram camisas. O jogador argentino falou em seguida sobre um suposto comentário de Grafite, publicado pela imprensa dizendo que caso fizesse um gol no jogo, iria comemorar com uma banana. Prosseguiu dizendo que ele e o brasileiro passaram todo o primeiro tempo trocando ofensas mútuas, consideradas por ele como coisas que ocorrem dentro de uma partida de futebol, entre adversários, portanto, reforçando a idéia de provocação despersonalizada. O jogador argentino tentou se explicar: “No primeiro tempo, pouco antes da expulsão do Grafite, tendo em vista os insultos dele, (Desábato) dirigiu-se a este dizendo ‘pegue a banana e enfie no...’” (GODOY, O Estado de São Paulo, 15/04/2005, p. E3). O argentino falou ainda não conhecer o

português, mas que pelos gestos do jogador brasileiro tinha certeza de que ele o ofendeu. “No meu país, o insulto entre jogadores adversários não é considerado crime” ([GODOY](#), O Estado de São Paulo, 15/04/2005, p. E3).

Na legislação Argentina o racismo não é considerado ilegal, apenas um agravante se cometido outro delito. Cada país tem uma cultura e maneiras diferentes de resolver situações diversas. Brandão e Altmann relatam sobre essa questão no trecho a seguir...

Bordieu afirma que os agentes sociais são o produto da história, da história de todo o campo social e da experiência acumulada ao curso de uma determinada trajetória no sub-campo determinado. Eles determinam ativamente, por intermédio de categorias de percepção e de apreciação social, historicamente constituída, a situação que lhes determina ([BRANDÃO](#); [ALTMANN](#), s/d).

Marchi Júnior explana acerca do mesmo tema no comentário que se segue.

Ao contrário, o habitus talvez melhor se defina como os limites de ação, das soluções ao alcance do indivíduo em uma determinada situação concreta. E, portanto um produto da história que produz práticas individuais e coletivas e que estabelece os limites dentro dos quais os indivíduos são “livres” para optar entre diferentes estratégias de ação (...) ([MARCHI JÚNIOR](#), 2000).

Desábato afirmou ainda que os insultos não tinham “conotação racista” e que não se recordava do que falou, mas que achava que não havia chamado Grafite de ‘negro de merda’. Ele afirma ainda que não chamou Grafite de ‘filho da p...’ ou de negrinho, e no fim do depoimento disse: “Eu não sou racista” ([GODOY](#), O Estado de São Paulo, 15/04/2005, p. E3).

Um sociólogo e um historiador comentam o episódio nos Jornais

Na tentativa de acentuar a análise técnica do caso, os periódicos resolveram ouvir pesquisadores especialistas em racismo. Para o historiador Manolo Florentino, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o combate ao crime de racismo deveria ser feito pela polícia. Ele considerou que a reação da “histeria” no caso Grafite, vai além da rivalidade dos brasileiros com os argentinos. Esse caso atinge e mostra que o Brasil vem se tornando um país bicolor, onde branco é branco e preto é preto, perdendo assim a força da mestiçagem. Florentino comentou sobre a prisão do jogador argentino.

O caso específico reflete duas coisas. Uma reação quase histórica dessa rivalidade imensa entre Brasil e Argentina, especialmente no campo de futebol. Mas também é uma reverberação da insistência em se fundar um Brasil bicolor, um Brasil preto e branco. São dados muito concretos que, eventualmente há alguns anos passariam em branco. Eles se xingam dentro do gramado, uns de negro, outros de branqueiro. ([CARIELLO](#), Folha de São Paulo, 17/04/2005, p. D5).

Em concordância, então, que as ofensas eram mútuas e, de certa forma, parte de um habitus no campo esportivo, Florentino vai além e comenta as questões que o levam a crer que o Brasil é um país com forte discriminação racial.

(...) ao criar um Brasil bicolor, você vai acabar exacerbando ódio onde não existe. O Brasil é um país racista, mas o ódio racial está sendo implementado com essa discussão meio enviesada realizada por diversos seguimentos, inclusive pelo estado brasileiro. Essa coisa estranha que chamam de afro-brasileiros. Eu nunca vi um afro-brasileiro ([CARIELLO](#), Folha de São Paulo, 17/04/2005, p. D5).

Florentino também fala sobre a rivalidade entre Brasil e Argentina, e que esta é sempre “afiorada”, principalmente quando os dois países se enfrentam em competições esportivas de representação mundial. Ele comenta também como as questões raciais são consideradas no país vizinho.

Racismo é um traço cultural muito forte na Argentina. Se o outro país tiver população negra, é macaquito. Se tiver população indígena, é índio. Tanto é assim que eles acabaram com o problema indígena da maneira mais eficiente possível – eles mataram todos os índios no século 19 ([CARIELLO](#), Folha de São Paulo, 17/04/2005, p. D5).

O intelectual do país vizinho, o sociólogo Enrique Oteiza, presidente do INADI (Instituto Nacional Contra a Discriminação, a Xenofobia e o Racismo). Afirma que o caso de racismo de Desábato contra Grafite é uma oportunidade das pessoas criarem consciência sobre a discriminação como um ato indesejável e repudiável. Porém, segundo ele, o caso vem sendo tratado com certa irresponsabilidade por parte da imprensa. Oteiza comentou sobre a discriminação, não só por parte dos jogadores, mas de toda sociedade argentina. “Ainda há informação e um grau de conscientização insuficientes em setores da sociedade argentina sobre a discriminação como um fenômeno social e um fato jurídico” ([CARIELLO](#), Folha de São Paulo; 17/04/2005; p. D4).

Considerações Finais

Relacionando todos os depoimentos e posicionamentos estampados de forma parcial nas páginas de dois dos maiores periódicos brasileiros – a Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo – pode-se perceber que o racismo tem acentuada relação histórica e social no Brasil, possuindo também sensíveis traços culturais que são expostos às pessoas de uma maneira singular, fazendo com que, as mesmas absorvam algumas características que lhes são propostas.

A sociedade brasileira acredita não ser racista e se revolta com casos como o de Grafite, dizendo ser absurdo ocorrer tal situação em pleno século 21. Mas na verdade, o racismo é parte integrante de várias comunidades estabelecidas no país. Assim, acredita-se que realmente os brasileiros vêm transformando o Brasil em um país bicolor, onde branco é branco e negro é negro – e tais cores não convivem. Divergindo da idéia de um processo de miscigenação a que o Brasil foi submetido nos tempos da colonização dos portugueses, como bem diagnosticado por Gilberto Freyre:

O português não por todas aquelas felizes predisposições de raça, de mesologia e de cultura a que nos referimos, não só conseguiu vencer as condições de clima e de solo desfavoráveis ao estabelecimento de europeus nos trópicos, como suprir a extrema penúria de gente branca para a tarefa colonizadora unindo-se com mulher de cor. Pelo intercurso com mulher índia ou negra multiplicou-se o colonizador em rigorosa e dúctil população mestiça, ainda mais adaptável do que ele puro ao clima tropical. A falta de gente, que o afligia, mais do que a qualquer outro colonizador, forçando-o à imediata miscigenação. (FREYRE, 2004, pp. 74-75).

No esporte, de uma maneira generalizada, o racismo vem operando de forma brutal e preocupante. Especialmente no futebol se percebe que o racismo tem de ser combatido de todas as formas e em todos os setores. Torcedores arremessando bananas no campo, imitando macacos, levando faixas com dizeres discriminatórios são só alguns exemplos da barbárie que é cometida nos estádios, como nos recentes casos ocorridos em Zaragoza (cânticos discriminatórios ofendendo o atleta Samuel Eto'o do Barcelona), em Madrid (bananas atiradas pelos torcedores do Atlético de Madrid aos atletas negros adversários), na Alemanha (cartazes e faixas estampadas pelo grupo de extrema direita "Aliança para Proteção da Alemanha"), ou ainda em Roma (torcedores fizeram gestos racistas e arremessaram bananas em direção ao jogador

Balotelli), entre outros casos que ocorrem regularmente e não ganham notoriedade na imprensa.

Lembrando também as atitudes dos próprios jogadores ou técnicos que, independente de ser adversário ou companheiro de clube, hostilizam um companheiro de profissão por ele ser negro, como os comentários jocosos do técnico da seleção ucraniana em relação aos atletas negros que atuavam no seu país (2006), ou o ocorrido na partida entre Cruzeiro e Grêmio pela Copa Libertadores da América de 2009, novamente envolvendo argentinos e brasileiros – Elicarlos do Cruzeiro supostamente ofendido por Maxi Lopes do Grêmio.

No caso exposto neste estudo, houve grande repercussão da mídia, ocorrendo exageros em determinados momentos. O fato é que muitos indivíduos se aproveitaram da situação, querendo representar um moralismo social no quesito discriminação, com poucas soluções eficientes.

Assim, o racismo no esporte não é evitado, mas sim, apenas prorrogado...

Referências

- ARANTES, S. **Argentinos lamentam vítima de exagero**. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 de abril de 2005.
- ARANTES, S. **'Educar é mais importante que punir'**. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 de abril de 2005.
- ARANTES, S. **Em casa, Desábato busca isolamento**. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 de abril de 2005.
- ASSIS, T. **Grafite promete comandar um 'basta', agora no Brasil**. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 de abril de 2005.
- BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRANDÃO, Z.; ALTMANN, H. **Algumas Hipóteses da Transformação do Habitus**. Disponível em: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/5915.PDF?NrOcoSis=16344&CdLinPrg=pt. Acesso em: 16/02/2009.
- CAGIGAL, J. M. **Deporte y Agresion**. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

CARIELLO, R. '**Racismo se combate com polícia**'. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 de abril de 2005.

COBOS, P. **Até hoje, ofensas raciais no Brasil ficaram no campo**. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 de abril de 2005.

ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação. Rio de Janeiro: Difel, 1997.

FERRARI, L. **Corregedoria viu ação perfeita**. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 de abril de 2005.

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**. 49 ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

GINZBURG, C. **Mitos emblemas sinais – morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GODOY, M. **O que diz Grafite**. Estado de São Paulo, São Paulo, 15 de abril de 2005.

GODOY, M. **O que diz Desábato**. Estado de São Paulo, São Paulo, 15 de abril de 2005.

GRECO, A. **Hipocrisia tem limite**. Estado de São Paulo, São Paulo, 15 de abril de 2005.

HACICO, F. **Grafite: 'Não pesei raça, religião...'**. Estado de São Paulo, São Paulo, 15 de abril de 2005.

MARCHI JÚNIOR, W. A Teoria do Jogo de Norbert Elias e as Interdependências Sociais. **Revista Conexões**, Vol.1, no 1, 2000. Disponível em: <http://www.unicamp.br/fef/publicacoes/conexoes/v1n1/9norbert.pdf> Acesso em: 16/02/2009.

ORICCHIO, L. LEITE, A. **Ação da polícia merece elogios e críticas pesadas**. Estado de São Paulo, São Paulo, 16 de abril de 2005.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PALACIOS, A. **Foco do caso está deslocado**. Estado de São Paulo, São Paulo, 18 de abril de 2005.

PALACIOS, A. TINOCO, L. F. '**Só faltou fuzilamento na praça**'. Estado de São Paulo, São Paulo, 16 de abril de 2005.

RODRIGUES FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 4a ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SANSONE, L. **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

TINOCO, L. F. **Atleta e secretário tomam decisão simultânea**. Estado de São Paulo, São Paulo, 15 de abril de 2005.

TINOCO, L. F. **Ex-jogador leva pastel e garapa ao argentino**. Estado de São Paulo, São Paulo, 16 de abril de 2005.

TOMAZ, K. **Agente do Garra usa leitura labial e já deteve atores**. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 de abril de 2005.

TOMAZ, K. **Amigos de Grafite foram testemunhas**. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 de abril de 2005.

TOMAZ, K. **Aposentado se revolta e 'ataca' oficial de justiça**. Folha de São Paulo, São Paulo, 16 de abril de 2005.

TOMAZ, K. **Atleta fica sem telefonar e chora**. Folha de São Paulo, São Paulo, 16 de abril de 2005.

TOMAZ, K. **Zagueiro argentino deixa o Brasil e diz levar marcas das algemas**. Folha de São Paulo, São Paulo, 16 de abril de 2005.

VALENTE, A. L. E. F. **Ser Negro no Brasil Hoje**. São Paulo: Moderna, 1994.

Endereço:

André Mendes Capraro
Praça da Ucrânia, 44, apto 111. Bigorriho
Curitiba PR Brasil
80730-430
Telefone: (41) 3308.3983
e-mail: andrecapraro@onda.com.br

Recebido em: 04 de março de 2009.

Aceito em: 28 de julho de 2009.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/)